

# PORTICO

BY VANGUARD PROPERTIES



7



THANK  
U  
THANK



AAS  
*The shape explorer*

INTEMPORAL COMO AS SUAS  
PEÇAS, AOS 96 ANOS, KUKAS  
CONTINUA A CRIAR JOIAS,  
O SEU DESASSOSSEGO, A SUA  
INSUSTENTÁVEL LEVEZA  
DE SER, DE OLHOS POSTOS  
NA PRÓXIMA EXPOSIÇÃO.

SANDRA NOBRE TEXTO WORDS  
MATILDE TRAVASSOS FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY

TIMELESS LIKE HER PIECES,  
THE 96-YEAR-OLD KUKAS  
CONTINUES TO CREATE  
JEWELLERY. WITH HER  
CUSTOMARY RESTLESSNESS  
AND LIGHTNESS OF BEING,  
HER EYES REMAIN FIXED ON  
THE NEXT EXHIBITION.



O Tejo veste-se de prata pela tarde. Lisboa desfila à janela de Kukas. Já não é a menina e moça que conheceu quando chegou ao bairro do Castelo, o mais antigo da capital, onde as mulheres estendiam roupa a pingar para a calçada e sussurravam ao vê-la que devia ser turista. Como uma amiga lhe dizia por graça, naquela época: “Isto é a Calábria!” Eram outros tempos, antes de os turistas procurarem as casas de fado e arrendarem tudo em volta. Em mais de 60 anos na mesma morada, assistiu a todas as mudanças e continua a olhar Lisboa do alto do seu quarto andar, de onde demora a sair. “Fico meses e meses sem sair de casa. Mas nunca me aborreço”, garante. Nascida em 1928, na Beira Baixa, é lisboeta de alma e coração.

Maria da Conceição de Moura Borges, de sua graça, tinha cerca de dez anos quando um episódio insignificante, durante uma das prolongadas estadias na Quinta de Santa Marta, em Penamacor, acabaria por moldar a sua identidade. “Tinha um cachorro Serra da Estrela que tentei proteger de um ataque de uma porca. Indefeso, peguei nele para o defender e disse ‘Coitadinho deste kukas’. Daí em diante Kukas fiquei”, conta. Anos mais tarde, durante um *cocktail* a bordo de um navio ancorado em Lisboa, conheceu “um americano lindo e simpático” que a abordou e lhe perguntou o nome. A conversa correu de feição e continuou por correspondência. “Ele escreveu-me para me agradecer a simpatia e confessou ‘Não faço ideia como escrever o seu nome’ e escreveu ‘Kukas’, com dois ‘k’. Assim ficou.”

Kukas era uma criança quando ficou órfã de mãe e pai, ela e o irmão ficaram ao cuidado de três tias solteiras, irmãos do pai. “Tive três mães formidáveis que me educaram e nunca me faltou afeto”, sublinha. Persistente, lutou sempre por alcançar o que queria, foi assim que convenceu as tias a deixarem-na ir estudar para Paris. De início, opuseram-se, mas Eugénia, a mais nova, acabou por apoiá-la.

Kukas queria estudar Educação pela Arte, seguindo os passos de uma grande amiga, a pintora Madalena Cabral, que trabalhava no Museu Nacional de Arte Antiga. Ingressou na École du Louvre e refinou o gosto artístico, enquanto privava com muitos portugueses que se tinham mudado para a capital francesa. “Estava lá este mundo e o outro, a Lurdes Castro, o marido, René Bértholo, o João Vieira...” No seu rol de conhecimentos, menciona artistas famosos como se isso não tivesse importância: “Foi aí que conheci o [Marc] Chagall, que posava para as crianças o pintarem na escola do Louvre. Foi uma benesse, gostei imenso de o conhecer.”

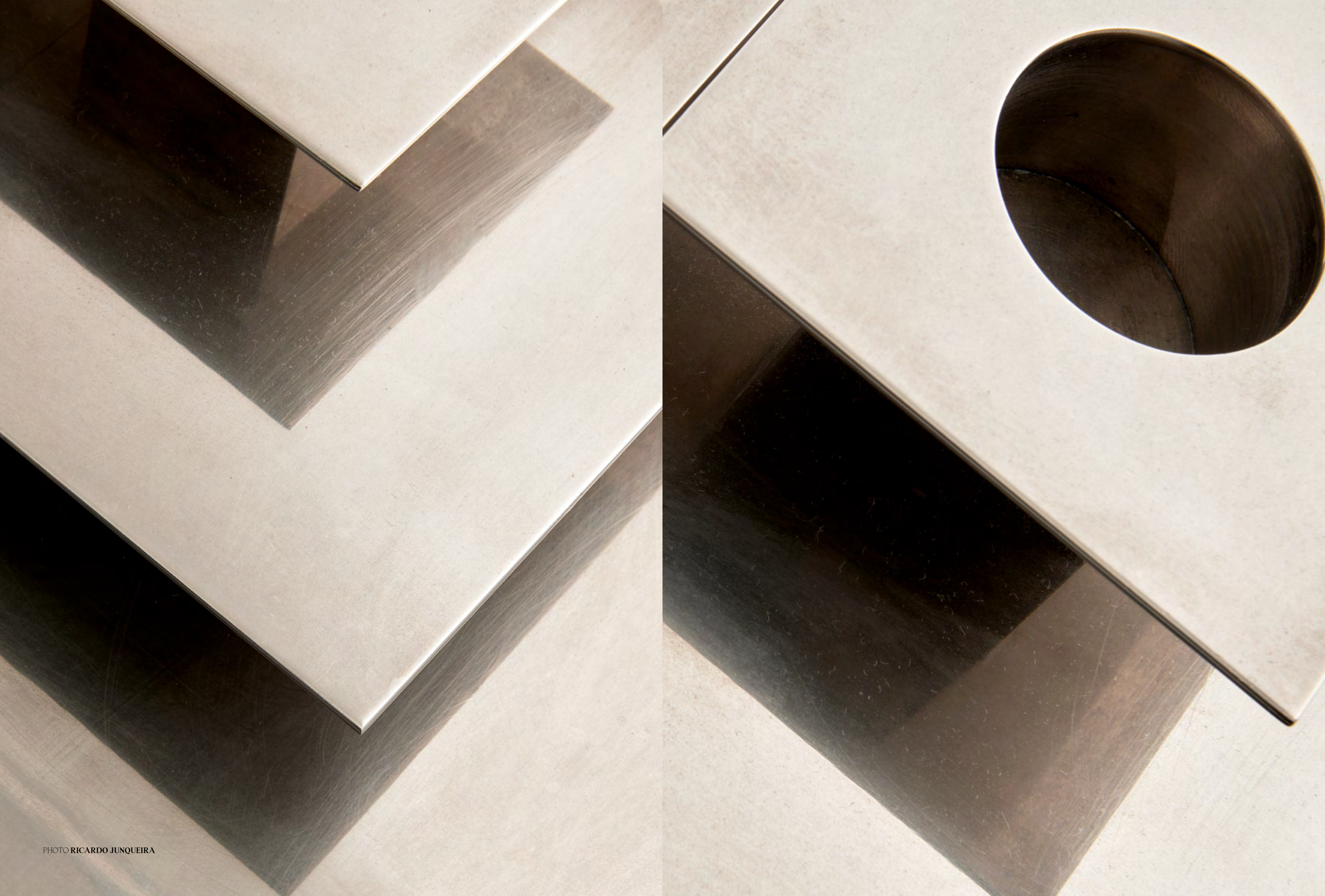
The Tagus River is clad in silver this afternoon, as Lisbon parades past Kukas's window. She's no longer the girl she was when she arrived in the Castelo neighbourhood, the capital's oldest. This is where the local women laid out their dripping clothes on the pavement, while whispering that she must be a tourist. Such was its exotic air that one of her friends exclaimed 'this is Calabria!' These were the days before tourists wandered in search of fado houses and rented everything around them. Having resided at the same address for over 60 years, she has seen all the changes, continuing to look down upon Lisbon from her fourth-floor flat, which she rarely leaves. 'I go months and months indoors. But I never get bored,' she says. Although born in the central region of Beira Baixa, in 1928, she is very much a Lisboner at heart.

Baptised Maria da Conceição de Moura Borges, she was around ten years old when a seemingly insignificant episode occurred. It happened during one of her long stays at Quinta de Santa Marta in Penamacor, and it changed her identity for good. “I had a Serra da Estrela puppy that I tried to protect from an aggressive sow. I picked him up and said ‘Poor little Kukas’. ‘From that day on, I was Kukas’. Years later, during cocktails aboard a ship anchored in Lisbon, she met “a handsome and friendly American”, who asked her name. The conversation flowed and continued via correspondence. “He wrote to thank me for my kindness and confessed ‘I’ve no idea how to write your name’ and wrote Kukas with two ‘k’s. And it stuck.”

Kukas was only a child when she became an orphan. She and her brother were left in the care of three unmarried aunts, their father's sisters. “I had three wonderful mothers who brought me up and I never lacked affection,” she underlines. Ever persistent, she always battled to get what she wanted, which is how she convinced her aunts to let her go to Paris to study. Initially, they were opposed, but Eugénia, the youngest of the aunts, ended up supporting her.

Kukas wanted to study art education, following in the footsteps of a close friend, the painter Madalena Cabral, who worked at the Museu Nacional de Arte Antiga -MNAA (National Museum of Ancient Art). She enrolled at the École du Louvre and endeavoured to refine her artistic taste, while socialising with various Portuguese citizens who had moved to the French capital. “There was this world and the other, Lurdes Castro, her husband René Bértholo, João Vieira...” Her list of acquaintances included famous artists: “It was there that I met [Marc] Chagall, who would pose for children to paint him at the Louvre school. It was a blessing, I really enjoyed meeting him.”





## Escrever direito por linhas tortas

Em Paris, estudou também Design de Interiores na École Supérieure des Arts Modernes (ESAM). Acabaria por se aventurar na cerâmica antes de se estrear na joalheria. “Acharam que eu era a melhor aluna em cerâmica, mas não sei dizer...” Sempre modesta, no que ao seu trabalho diz respeito, não se atreve a tecer muitos comentários quando se fala de talento ou de sucesso. “Talvez seja um dom, uma sorte, porque muitas coisas aconteceram por acaso”, diz. O facto é que as suas peças se vendiam com facilidade. “Vendi imenso na loja que a Menez tinha na rua do Alecrim.”

Enquanto conversa com a *Portico*, Kukas pede uma caixa com algumas criações em diferentes fases, algumas antigas, outras por terminar, peças únicas. Encontra uma pulseira que gosta: “É minha até ver”. Um anel com um cristal de rocha que gosta de usar: “É uma homenagem ao I.M.Pei, autor da pirâmide de vidro do Louvre. Gosto imenso das obras dele e da forma da pirâmide, que recriei”. Tem letras em anéis e alfinetes, um “SOS” arranca-lhe um sorriso: “Deu-me a maluqueira, fica bem na lapela”. Gosta de usar as suas peças, mesmo as mais extravagantes. “Sinto-me bem com elas.” Fixa os olhos noutra anel: “Foi este que fiz para a minha tia Eugénia, há 60 anos. É simplório, mas a partir daqui tudo se desenvolveu”.

Nunca as joias clássicas e o brilho das pedras preciosas a fascinaram, admite. “Sempre fui contra o formalismo e o brilhantismo, fico mais impressionada com uma turmalina ou um cristal de rocha, que adoro.” Foi buscar inspiração à arquitetura, a arte que mais preza, mas sempre demonstrou grande sensibilidade perante o belo e as expressões artísticas. “Uma vez fiquei em lágrimas numa exposição do Kandinsky, em Paris. E aconteceu o mesmo quando cheguei à Casa da Cascata, do Frank Lloyd Wright [em Pittsburgh, nos Estados Unidos da América], desfiz-me, soluzei, ainda hoje não sei explicar a emoção que senti por estar ali.” Esteve a estagiar na casa que se tornou um ícone da obra do arquiteto americano através de uma bolsa da Fundação Gulbenkian. “Fiquei assoberbada com tudo o que vi e aprendi.”

## Writing straight with crooked lines

In Paris, before her debut with jewellery, she studied interior design at the École Supérieure des Arts Modernes (ESAM), as well as ceramics. “They thought I was the best student in ceramics, but I can’t say...” Ever-modest when it comes to her work, she’s customarily low key. “Maybe it’s a gift, or luck, because many things have happened by chance,” she says. The fact is that her pieces sold easily. “I sold a lot in the shop that Menez had in Rua do Alecrim.”

While talking to *Portico*, she asks for a box with some of her creations from different phases of her career, some old, some unfinished, unique pieces. She finds a bracelet she likes: “It’s mine for the near future.” A ring with a rock crystal that she likes wearing: “It’s a tribute to I.M.Pei, the architect who designed the Louvre’s glass pyramid. I really like his work and the shape of the pyramid, which I recreated.” She has letters on rings and pins, and an ‘SOS’ gets a smile from her: “Just a mad idea I had. It looks good on my lapel”. She likes wearing her pieces, even the most extravagant ones. “I feel good in them.” She stares at another ring: “I made this one for my aunt Eugénia, 60 years ago. It’s simple, but everything started from here.”

Kukas admits that she has never been fascinated by classic jewellery and the sparkle of precious stones. “I’ve always shunned formalism and brilliance, I’m more impressed by a tourmaline or a rock crystal, which I love.” She has sought inspiration in architecture, the art she most prizes, although she has always shown great sensitivity to beauty and artistic expression. “Once, I burst out crying at a Kandinsky exhibition in Paris. And the same thing happened when I arrived at Frank Lloyd Wright’s Waterfall House [in Pittsburgh, USA], I broke down, sobbing. I still can’t explain the emotion I felt being there.” With a grant from the Gulbenkian Foundation, she was working as an intern at the house that had become an icon of the American architect’s work. “I was overwhelmed by everything I saw and learnt.”

Essa sensibilidade aliada a uma estética geométrica que explora nas formas e nos volumes contribuiu para a criação de peças de grande formato despidas de qualquer ostentação burguesa. “A maioria diria ‘ah, são enormes!’ e não usaria, não são peças para pessoas discretas, são arte em trânsito, uma ideia que sempre me acompanhou, porque acompanham quem as usa, fazem parte da expressão gestual, são um complemento do movimento.” A *Vanity Fair* traçou-lhe o perfil [edição julho/agosto 2023] e chamou-lhe “uma provocadora da joalheria portuguesa”. Ela defende-se: “A intenção não era essa, mas um renovador é sempre um provocador”.

## Voltar à ribalta

O passa-palavra funcionou a seu favor. Os clientes começaram a surgir e a encomendar-lhe peças, sobretudo, arquitetos, pintores, artistas, como Maria Helena Vieira da Silva, Maria João Seixas ou Ana Hatherly. Os desafios surgiram também no design de interiores. “Ajudei na decoração da casa de uma grande amiga, em Sesimbra, a quem apresentei o Nuno Teotónio Pereira e o [Nuno] Portas que fizeram o projeto, fiz uma sala para a Shell, o teto da discoteca do Hotel Algarve, na Praia da Rocha [o primeiro hotel-casino em Portugal, inaugurado em 1967] decorado com estalactites em vidro, como se fosse uma gruta...”, mas voltou às joias, uma viagem sem retorno. Inspirada pelos dias na capital francesa e pela descoberta da joalheria nórdica, ousou criar peças que falam com o corpo e que são identitárias de quem as usa.

Estreou-se numa exposição na Galeria do Diário de Notícias, na década de 60 do século passado, e não parou mais. Seguiu-se, entre outras, a Galeria 111, a Fundação Calouste Gulbenkian, Museu Nacional do Traje ou, internacionalmente, em coletivas no First Congress of Craftsmen, em Nova Iorque (1964), na Bienal de São Paulo e no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro (1977), Palais des Congrès, em Paris, e Royal College of Art, em Londres (1992). Teve duas lojas diferenciadoras na decoração e nas propostas, a primeira, na Praça das Flores, a segunda, na Rua de São Bento que um incêndio acabou por determinar o encerramento, em 2002, quando o seu nome já era uma afirmação da joalheria de autor cuja linguagem formal renovou.

This sensitivity, combined with a geometric aesthetic that explores shapes and volumes, led to the creation of large pieces, stripped of any bourgeois ostentation. “Most people would say ‘oh, they’re enormous!’ and wouldn’t wear them. They’re not for the discreet, they’re art in transit, an idea that has always stayed with me. They go with the wearer, they’re part of gestural expression, a complement to movement.” *Vanity Fair* did a profile of her [July/August 2023 issue], describing her ‘a provocateur of the Portuguese jewellery scene.’ She defends herself: “That wasn’t the intention. That said, a renovator is always a provocateur.”

## Back in the spotlight

Word of mouth worked well for her. Most of her clients were architects, painters and artists, such as Maria Helena Vieira da Silva, Maria João Seixas and Ana Hatherly. There were also interior design projects to do. “I helped decorate a good friend’s house in Sesimbra, introducing them to Nuno Teotónio Pereira and [Nuno] Portas, who did the design. I did a room for Shell, the ceiling of the disco at the Hotel Algarve in Praia da Rocha [the first hotel-casino in Portugal, opened in 1967] which was decorated with glass stalactites, like it were a cave...” Other distractions aside, Kukas returned to the art of jewellery, for good. Inspired by her time in Paris and her discovery of Nordic jewellery, she dared to create pieces that speak to the body and are part of the wearer’s identity.

She made her debut at an exhibition staged at the Galeria do Diário de Notícias in the 1960s and never looked back. Soon after came Galeria 111, the Calouste Gulbenkian Foundation, the National Costume Museum and, further afield, group shows at the First Congress of Craftsmen in New York (1964), the São Paulo Biennial and the National Museum of Fine Arts in Rio de Janeiro (1977), not to mention the Palais des Congrès in Paris and the Royal College of Art in London (1992). She had two shops in Lisbon, which were very different in terms of decor and pieces. The first was in Praça das Flores and the second in Rua de São Bento, the latter burning down in 2002, a time when her name was already associated with signature jewellery, whose formal language she had renewed.

Em 2012, a exposição “Kukas – Uma Nuvem que Desaba em Chuva”, no Museu do Design e da Moda (Mude), em Lisboa, reuniu 165 peças de 76 colecionadores numa retrospectiva da sua carreira que a trouxe de volta à ribalta. Nessa altura, continuava a produzir por encomenda a partir de casa. Horas e horas a fio a moldar materiais, a observar tudo o que tem à mão, a definir novas formas, foi sempre este o seu processo criativo. “Desenho mal, mas gosto de moldar, faço umas maquetes primárias, tudo serve, uma rolha, uma embalagem, não deito nada fora sem primeiro observar a forma, é uma obsessão, pode sempre sugerir algo, depende de como se olha”, explica. Há mais de duas décadas que Alex, um ourives, vem visitá-la para materializar as suas criações. “Ele trabalhava numa oficina onde eu fazia as peças, tornou-se parte da minha vida, é uma mais-valia, entende a minha linguagem, os meus gestos.”

Viveu sempre para o trabalho. Nunca casou. “Não tive sorte no amor, foi tempo mal investido, mas tenho o coração cheio de afeto da família e dos amigos.” A vida de Kukas mudou quando Filipa Fortunato, arquiteta e proprietária do hotel Casa Fortunato, em Alcácer do Sal, afilhada de casamento e neta de uma amiga de longa data, a desafiou a criar peças em cerâmica para a Casa Fortunato em Lisboa. Assim, nasceu a coleção Kukas by Casa Fortunato, composta por jarras, manteigueiras e pratos. Esta parceria, iniciada em 2018, expandiu-lhe horizontes. “Foi um estímulo. A Filipa puxa por mim. Acordo a pensar nas maquetes e ideias não me faltam”, assevera.

Em 2023, o Museu Nacional de Arte Contemporânea voltou a expor as suas peças na mostra “Homenagem à Geometria” e o seu nome ganhou destaque na imprensa internacional [*Vanity Fair*, *Financial Times*]. Filipa Fortunato tornou-se guardiã do seu legado, curadora e gestora da marca Kukas e continua a explorar possibilidades de mostrar o trabalho da artista que conheceu em criança em casa da avó Maria e que chama carinhosamente de tia. Uma e outra ambicionam dar mais visibilidade às peças de Kukas que se podem ver habitualmente no *showroom* da Rua da Escola Politécnica.

A tarde corre prazenteira para lá da janela do quarto andar. Kukas confirma a próxima reunião com Alex para avançar com algumas ideias e vai começar a produzir também em ouro. Está entusiasmada com as possibilidades de novas exposições, ainda agora participou na Feira de Outono – Arte e Antiguidades, em Lisboa, e, em 2025, já confirmou presença na LAAF – Lisbon Art and Antiques Fair. “No dia em que perder a vontade de criar estarei de partida”, garante. Não tolera qualquer elogio ou rituais fúnebres nem perde tempo com o tema, mas se tivesse um epitáfio, coisa impensável, diria: “Aqui jaz contrariadíssima quem nunca se aborreceu!” E ri-se com um sorriso de menina cheia de sonhos por concretizar.

In 2012, Lisbon’s Museum of Design and Fashion (MUDE) showed ‘Kukas - Uma Nuvem que Desaba em Chuva’, which exhibited 165 pieces from 76 collectors in a retrospective that brought her back into the limelight. At the time, she was still making objects to order from home. Spending hours and hours moulding materials, observing everything at hand, defining new shapes, this has always been her creative process. “I can’t draw well, but I like moulding. I make primary models, everything works, a cork, a package, I don’t throw anything away without first observing its shape. It’s an obsession. It can always suggest something, depending on how you look at it,” she explains. For over two decades, Alex, a goldsmith, has been visiting her to shape her creations. “He worked in a workshop where I made the pieces. He became part of my life, an asset. He understands my language, my gestures.” She has always lived for her work and never married. “I wasn’t lucky in love. It was time badly spent. That said, I feel great love and affection from my family and friends.”

Kukas’s life took another twist and turn when someone challenged her to create ceramic pieces for Casa Fortunato in Lisbon. That someone was the architect and owner of the Casa Fortunato hotel in Alcácer do Sal, not to mention the goddaughter by marriage and granddaughter of an old friend. And so, the Kukas by Casa Fortunato collection was created, offering a range of vases, butter dishes and plates. This partnership, which began in 2018, has expanded the jeweller’s horizons. “It’s stimulating. Filipa pushes me. I wake up thinking about the models and I have plenty of ideas,” she says.

In 2023, once again, the Museu Nacional de Arte Contemporânea exhibited her pieces in the show ‘A Tribute to Geometry’, with her name highlighted in the international press [*Vanity Fair*, *Financial Times*]. Filipa Fortunato became the guardian of her legacy. She acts as a curator and manager of the Kukas brand, continuing to explore different ways of displaying the work of the artist she met as a child at her grandmother Maria’s house, and who she affectionately calls auntie. Both women aim to give more visibility to Kukas’s pieces, which can usually be seen in the showroom on Rua da Escola Politécnica.

The afternoon rolls pleasantly by on the other side of the fourth-floor window. Kukas confirms her next meeting with Alex to advance with some ideas, as well as the start of gold production. She’s enthusiastic about the possibilities of new exhibitions, having just been involved in the Autumn Art and Antiques Fair in Lisbon. In 2025, she has already booked her participation at the LAAF – Lisbon Art and Antiques Fair. “The day I lose the will to create, I’ll be on my last legs,” she insists. She doesn’t tolerate any eulogies or funeral rites, nor does she waste time on the subject, but if she had an epitaph, which is unthinkable, she would say: ‘Here lies someone very annoyed, who was never bored!’ And she laughs a laugh of a little girl who has many dreams to fulfil.



"SEMPRE FUI CONTRA O FORMALISMO E O BRILHANTISMO, FICO MAIS IMPRESSIONADA COM UMA TURMALINA OU UM CRISTAL DE ROCHA, QUE ADORO."

"I'VE ALWAYS SHUNNED FORMALISM AND BRILLIANCE, I'M MORE IMPRESSED BY A TOURMALINE OR A ROCK CRYSTAL, WHICH I LOVE."